

Viagem a Portugal em 7 canções: animação e interculturalidade em ambiente musical

MÁRIO MONTEZ

montez@esec.pt

Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Coimbra

ANDRÉ LOUREIRO

andre.toita@gmail.com

Animador Socioeducativo
Câmara Municipal de Moimenta da Beira

CARLOS OLIVA

capax_2@hotmail.com

Aluno do mestrado em Educação de Adultos e
Desenvolvimento Local na Escola Superior de
Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

Resumo

Partilhamos neste texto uma experiência de animação em torno de aspetos da cultura, geografia e história de Portugal, como ponto de partida para um diálogo intercultural num país estrangeiro. A atividade focou-se na partilha de canções populares de diferentes épocas, enquadradas num festival de música sem qualquer orçamento, mas com criatividade e capacidade inter-relacional, realizada no decurso de um projeto de estágio curricular Erasmus +, do curso superior de Animação Socioeducativa do Politécnico de Coimbra, em 2019.

Palavras-chave:

Animação Sociocultural; Animação socioeducativa; Interculturalidade; Cultura Tradicional; Música; Estágio Erasmus +

Abstract

This text is about an experience of sociocultural animation around some features of culture, geography and history of Portugal, to generate an intercultural dialogue in a foreign country. This activity focused on traditional songs as part of a music festival, with zero budget but creativity and relational skills, delivered in the framework of an Erasmus+ internship practice of the Socioeducative Animation course of the Polytechnic of Coimbra, in 2019.

Key concepts:

Sociocultural Animation; Socioeducative Animation; Interculturality; Traditional Culture; Music; Erasmu+ practices.

Introdução

Sobre o palco de um pequeno e acolhedor espaço cultural refundido numa cave de um antigo edifício junto ao centro histórico de uma pequena cidade checa, dois jovens portugueses viajam por sete canções populares com um grupo de habitantes curiosos com quem partilham aspetos da cultura portuguesa. Nesta noite os participantes são confrontados com icónicas músicas de artistas portugueses, tais como Grândola Vila Morena, Povo que Lavas no Rio ou Cinderela, trazidos para aquele espaço com o intuito de promover uma aprendizagem intercultural. Era assim que os estagiários do curso de animação socio-educativa (ASE) da Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra (ESEC), punham em prática um desafio lançado pelos responsáveis da associação Club Café Pessoa (CCPessoa), espaço sociocultural na cidade de Hradec Králové, na República Checa: dar a conhecer aspetos da cultura portuguesa e animar um diálogo intercultural com os utentes do CCPessoa e residentes da cidade. Foi este o mote para a criação de um festival, composto de vídeos de música portuguesa (com recurso ao Youtube) e de músicas tocadas ao vivo pelo André, subordinado a temáticas consideradas representativas da cultura portuguesa.

A atividade “Viagem a Portugal em 7 canções”, contemplou 4 sessões temáticas com 7 canções. As temáticas a explorar foram selecionadas de acordo com a perceção, tanto dos estagiários como dos coordenadores do CCPessoa acerca dos aspetos mais representativos da cultura portuguesa que fizessem sentido partilhar no estrangeiro.

1. Contextos, desafios e potencialidades

O Club Café Pessoa abriu em 2015 como um projeto associado a uma organização local de apoio social, na cidade de Hradec Králové, na República Checa, a partir da relação que dois dos seus membros, (Jan e Zuzana Hlousek) têm com Portugal, e que os faz, todos os anos, regressar e trabalhar neste país. Partiu sempre da ideia de ser um espaço sociocultural e educativo, de aprendizagem intercultural, animado por pessoas utentes da organização. O nome Pessoa alude claramente ao poeta Fernando Pessoa mas também à ideia de ser um espaço para as *peessoas poderem ser pessoas*, e de se desenvolverem enquanto a pessoa que sentem querer ser. O CCPessoa (<http://www.ops.cz/vzdelavani/clubcafe-pessoa>) evoluiu e tornou-se uma organização autónoma, com espaço próprio, numa ampla e acolhedora antiga cave junto ao centro histórico daquela pequena cidade.

Evoluiu também como espaço de encontro de culturas e de diversas necessidades sociais, culturais e educativas, contando atualmente com uma equipa de voluntários e com diversas participações que trazem a conhecer a cultura de outros povos e países, assim como variadas artes e outras demais partilhas de aprendizagens socioculturais.

Foi neste contexto institucional e geográfico que os alunos realizaram o estágio de final de curso de animação socioeducativa, a par com três colegas de curso, ao abrigo do programa Erasmus +. Tendo como ponto de partida o desafio lançado pela equipa coordenadora do CCPessoa, de dar a conhecer aspetos da cultura portuguesa e animar um diálogo intercultural com os utentes e residentes da cidade, e aproveitando o interesse e a envolvimento de André no universo da música popular e tradicional, definimos uma ação de animação que tivesse como estratégia principal por em contacto os participantes com a música portuguesa e a partir daí explorar aspetos culturais e interculturais com eles. A estratégia foi definida no decorrer de uma reunião de supervisão de estágio, realizada aquando da visita do docente Mário Montez, ao local de estágio (no âmbito de uma mobilidade de ensino do Erasmus +). Suportou-se o plano de ação no conhecimento prévio que os estagiários tinham do contexto no qual já intervinham, e nas

necessidades já identificadas pela direção do CCPessoa, que deram azo ao desafio lançado.

O plano de ação foi traçado no sentido de animar um festival de música portuguesa naquele pequeno espaço cultural para que a partir do contacto dos participantes com esta música se partilhassem e explorassem aspetos da cultura, geografia e história de Portugal, cruzando-os depois com aspetos da cultura checa e da de outros eventuais participantes. Como é comum nestes contextos, deparámo-nos com o habitual constrangimento orçamental, neste caso encarado como desafio criativo; i.e: não havia dinheiro para pagar “cachês” a artistas, e muito menos poderíamos pensar em trazê-los de Portugal. Porém, uma ação de animação sociocultural não deverá apenas ser pensada a partir de problemas mas também das potencialidades presentes em cada realidade. Por isso fomos capazes de identificar potencialidades como: a existência de uma rede de Internet e equipamento (projektor, écran, etc.) que permitia a partilha de conteúdos on-line a público; os saberes e competências do André enquanto músico, a existência de instrumentos musicais (viola e piano elétrico).

Deste modo, chegámos à ideia de um festival misto de vídeos de música portuguesa com música ao vivo tocada pelo André, subordinado

a temáticas consideradas representativas da cultura portuguesa. A atividade “Viagem a Portugal em 7 canções”, contemplou 4 sessões temáticas de 7 canções. Cada *set* de canções correspondia à temática da sessão. As temáticas foram selecionadas a partir de um processo relativo à perceção, tanto dos estagiários como dos coordenadores do CCPessoa, sobre os aspetos mais representativos da cultura portuguesa que fizessem sentido partilhar no estrangeiro, associados a questões políticas, emocionais, territoriais, de identidade e sociais. Num processo conjunto, definiram-se as seguintes temáticas: Liberdade; Saudade; Povo e Terra; Amor.

Pensar numa ação desta natureza implicou também refletir e dominar conhecimentos referentes aos conceitos de Interculturalidade; Cultura; Tradição e da sua relação com a animação socioeducativa.

2. Em cada viagem, sete canções: relatos e conteúdos da prática

O conceito da atividade remetia para o imaginário viajante, levando os participantes a entrar numa viagem temática a Portugal. Apresentamos aqui as canções exploradas, interpretadas ou reproduzidas, em cada sessão, tal como partilhadas com os participantes no contexto da intervenção: com informação retirada, maioritariamente, do Wikipédia, e acompanhadas por um link do Youtube, para cada canção.

A primeira sessão foi subordinada ao tema LIBERDADE, tendo como pano de fundo a construção da democracia, paisagem identitária da animação sociocultural. Constatámos tratar-se de um aspeto tão comum e querido, mas delicadamente abraçado, a dois povos que viveram décadas de opressão política, social e cultural. O objetivo desta sessão foi dar a conhecer Portugal na contemporaneidade, regenerado a partir do 25 de Abril de 1974, e a importância da música para este acontecimento.

Para introduzir as músicas e enquadrar o tema, fizemos uma breve apresentação do acontecimento do 25 de Abril mostrando aos participantes o ambiente histórico vivido na época do Estado Novo e os motivos que levaram os portugueses a irradiar esta revolução, conhecida como Revolução dos Cravos. Mostrámos depois um pequeno vídeo de 1 a 2 minutos com uma resumida explicação do mesmo, com o intuito de facilitar a compreensão dos participantes. De seguida, apresentámos as músicas que tiveram um papel fundamental na história da revolução, acompanhadas por uma breve explicação sobre o que cada música transmite. As canções desta sessão foram:

1- "E Depois do Adeus". Esta canção foi interpretada por Paulo de

Carvalho no *Festival RTP da Canção* de 1974, do qual sairia vencedora. Mas ficou na memória coletiva por servir de primeira senha à revolução de 25 de Abril de 1974. Com a sua transmissão radiofónica, no dia 24 de Abril de 1974, era dada a ordem de saída dos militares para o golpe de Estado que se tornou a revolução dos cravos. Parte do primeiro verso é sobejamente conhecido: “E depois do adeus/ E depois do amor”

<https://www.youtube.com/watch?v=jthlDhHpblo>

2- “Grândola, Vila Morena”. Canção composta e cantada por Zeca Afonso, em alusão à ideia de uma “vontade do povo”, e escolhida pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) como segunda senha de sinalização da Revolução dos Cravos. À meia noite do dia 25 de Abril de 1974, a canção foi transmitida por um programa de rádio como sinal para confirmar o início da revolução, devido à alusão que a sua letra faz à vontade de um povo:

“Grândola vila morena/ Terra da fraternidade/ O povo é quem mais ordena/ Dentro de ti, ó cidade.”

<https://www.youtube.com/watch?v=gaLWqy4e7ls>

3- “Trova do Vento que Passa”. É uma balada criada em Coimbra, pelos poetas estudantes António Portugal e Manuel Alegre, e cantada por Adriano Correia de Oliveira, em 1963, em pleno salazarismo. Simboliza a esperança pela Liberdade no país, por quem está fora, e incita à resistência no verso final: “Há sempre alguém que resiste/ Há sempre alguém que diz Não!”

<https://www.youtube.com/watch?v=ZX5SKWHHIHo>

4- “Pedra Filosofal”. Poema de António Gedeão (1956) musicado por Manuel Freire em 1970, que por aludir à liberdade de sonhar e de com o sonho se mudar o mundo, se tornou num símbolo de resistência contra a ditadura. O último verso é comumente referido para animar a mudança social: “Eles não sabem nem sonham/ Que o sonho comanda a vida/ E sempre que o Homem sonha/ O mundo pula e avança/ Como uma bola colorida/ Nas mãos de uma criança”

<https://www.youtube.com/watch?v=B6OzDnFzIVI>

5- “Tourada”. Sátira social em forma de canção, escrita pelo poeta e inteligente provocador Ary dos Santos, e interpretada por Fernando

Tordo no Festival da Canção 1973. A letra alusiva ao espetáculo tradicional da tourada é uma metáfora ao decrépito regime ditatorial do Estado Novo, à resiliência do povo e à esperança de uma nova fase: “Com bandarilhas de esperança/ Afugentamos a fera/ Estamos na praça da Primavera/ Nós vamos pegar o mundo/ Pelos cornos da desgraça/ E fazermos da tristeza graça”

<https://www.youtube.com/watch?v=eMNIGliSArk>

6- “Cantata da Paz”. O poema de Sophia de Mello Breyner Andresen, chamando a atenção para as atrocidades humanas que se ouvem e leem nos meios de comunicação, foi transformada em música em 1970 pelo padre Francisco Fanhais, tornando-se uma das canções de intervenção mais cantada em Portugal até 1974, e para sempre recordada pelo refrão: “Vemos, ouvimos e lemos/ Não podemos ignorar”.

https://www.youtube.com/watch?v=o_L-10A1C6c&t=84s

7- “Parva Que Sou”. Canção inédita dos Deolinda, banda do século XXI que exprime o descontentamento de uma geração de jovens e adultos, nascidos no pós-revolução, que sentem os seus sonhos frustrados pelos problemas sociais e de emprego que o país atravessa,

como se percebe nos versos: “Sou da geração ‘vou queixar-me para quê?’/ Há alguém bem pior do que eu na TV/ Que parva que eu sou./ Sou da geração ‘eu já não posso mais’/ E esta situação dura há tempo demais/ Que parva que eu sou!”

<https://www.youtube.com/watch?v= rgOFS7UZ2I>

A segunda viagem teve por mote a SAUDADE. Pretendemos dar a conhecer Portugal a partir deste sentimento tão peculiar da cultura e da forma de ser portuguesas. Começou-se com um quebra-gelo no qual se pedia aos participantes que cumprimentassem a pessoa ao seu lado de uma forma típica portuguesa: com dois beijos ou um abraço dizendo a palavra em português “Olá!”. Explicou-se de seguida o tema e o significado da palavra “Saudade”, relacionando-a com os sentimentos que esta carrega. Depois foram apresentadas as canções acompanhadas com breves explicações sobre a sua letra ou mensagem e o que elas transmitiam sobre a saudade em relação a algo ou alguém. No final, animámos um diálogo em que os participantes explicaram o que cada um deles entendeu por saudade e como a passou a sentir após esta viagem. As canções de Saudade foram:

1- “Balada da Saudade”. É um original da tuna Kapa & Batuna da ESEC, composta em maio de 2007, identidade musical dos e das estudantes desta nossa escola, que traz emoções, lembra momentos e deixa claramente muita saudade de tudo aquilo que em Coimbra foi vivido. Habitualmente, muitos estudantes comovem-se com o refrão: “Ai adeus Mondego/ Ai adeus Choupal/ Ai adeus amigos/ Não levem a mal/ Desculpem as lágrimas/ Mas é a emoção/ Já é a saudade/ Já é a saudade/ No meu coração”

<https://www.youtube.com/watch?v=zMzPalOTiXE>

2- “A Minha Casinha”. Trata-se de uma canção apresentada numa comédia musical dos anos 40 e que se tornou famosa durante o Estado Novo. Foi modernizada e imortalizada pela banda rock Xutos & Pontapés em 1988. Esta canção retrata a saudade sentida por todos aqueles que não têm os seus lares e os seus familiares por perto, como se pode ouvir logo na entrada: “As saudades que eu já tinha/ Da minha alegre casinha/ Tão modesta quanto eu”

<https://www.youtube.com/watch?v=VbaXVooEuWE> /
<https://www.youtube.com/watch?v=E5kdbIfb25I>

3- “Fado da saudade”. Fado interpretado pela icónica fadista Amália Rodrigues que retrata um amor vivido que já não existe mais, mas do qual a cantora continua a chorar pela falta dos momentos vividos.” Eu canto o fado para mim/ Já o cantei p’ra nós dois/ Mas isso foi no passado”

<https://www.youtube.com/watch?v=06h-lzBkYIU>

4- “Balada da Despedida”. Composto pelos estudantes do 6º ano médico (1958), tornou-se um dos fados mais conhecidos da tradição académica. O profundo sentimento da saudade do estudante de Coimbra para com o que ali viveu é suspirado ao longo da canção, como são exemplo estes versos: “Coimbra tem mais encanto/ Na hora da despedida/ Coimbra tem mais encanto/ Na hora da despedida./ Quem me dera estar contente/ Enganar minha dor/ Mas a saudade não mente/ Se é verdadeiro o amor”

<https://www.youtube.com/watch?v=dcFAcjXZKQY>

5- “O Tempo Não Pára”. Esta canção, interpretada por Mariza em 2014, transmite-nos a ideia de que o tempo é coisa rara e merece ser aproveitado em todos os momentos e sentimentos, para que não se

transforme apenas em saudade. “Não sei, se andei depressa demais/
Mas sei que algum sorriso eu perdi/ Vou pedir ao tempo/ Que me dê
mais tempo/ Para olhar para ti”

<https://www.youtube.com/watch?v=9kmwY1Z3YNY>

6- “Sonhos de Menino”. Canção de Tony Carreira referente ao tempo da infância, recordando os sonhos do cantor quando criança, a força de vontade e luta com que realizou os seus sonhos que lhe permitem agora cantar: “E hoje a cantar/ Em cada canção/ Trago esse lugar no meu coração/ Criança que fui e homem que sou, e nada mudou/ E hoje a cantar não posso esquecer aquele lugar que me viu nascer”

<https://www.youtube.com/watch?v=qhGCOitEZTo>

7- “Cabelo Branco”. Este fado, também conhecido como “Mais uma noite de Fado”, cantado por Alfredo Marceneiro, fala sobre a saudade, descreve a melancolia face à inevitável passagem do tempo, bem expressa nos versos: “Saudades são pombas mansas/ A que nós damos guarida/ Um paraíso de lembranças/ Da mocidade perdida”

<https://www.youtube.com/watch?v=w7Sfr6Hj468>

A terceira sessão tinha como tema POVO E TERRA. O objetivo da atividade centrava-se em dar a conhecer algumas características de Portugal e dos portugueses através de um conjunto de canções que representam algumas maneiras de ser e de estar, e da sua relação com o território físico e social, associados aos sentimentos comumente representados na expressão “a nossa terra”. A atividade iniciou com um quebra-gelo no qual se desafiou os participantes a fechar os olhos e a imaginarem-se numa viagem de barco a Portugal, enquanto se fazia ouvir o som do mar. Este quebra-gelo foi um ponto de ligação para a explicação sobre o povo português, a sua diversidade e as suas terras. Identificaram-se diversos feitos históricos, tocando a época comumente designada de Descobrimientos e, claro, a conquista do Euro 2016 de futebol. A partir das músicas e do seu significado foi possível dar a conhecer, de certo modo, algumas formas de sentir e de estar do povo português e a sua relação com o território ibérico e além-fronteiras; um povo multicultural e migrante. Para finalizar, através de um debate de grupo esboçámos alguns contrastes e semelhanças possíveis entre o povo português, o povo checo e também o povo alemão, devido aos participantes presentes. As canções apresentadas nesta sessão foram:

1- “A Portuguesa”. O poema de cariz patriótico de Henrique Lopes de Mendonça (1890), em defesa das colónias portuguesas face ao ultimato britânico, serviu de base ao que passou a ser o hino de Portugal, a partir da implantação da República (1910), com música de Alfredo Keil. O poema sofreu alterações mas é com o mesmo espírito que se canta em ocasiões solenes e em provas desportivas internacionais. Um dos momentos em que mais se cantou o hino com grande emoção foi o final do Euro 2016 quando Portugal se sagrou vencedor, dando a soar pelas ruas com tenacidade: “Heróis do mar, nobre povo/ Nação valente, imortal/ Levantai hoje de novo/ O esplendor de Portugal.”

<https://www.youtube.com/watch?v=DdOEpfypWQA>

2- “Povo que lavas no rio”. Eternizada pela fadista Amália Rodrigues, esta canção (1961), tornada um clássico do fado, fala de a condição de um povo trabalhador, humilde e sofredor numa vida agreste, mas também remete para a relação da fadista com o seu povo. Diz-se ainda que a canção teve aproveitamento político como hino aos presos políticos de Peniche. De qualquer forma, a canção ecoa um hino ao povo português daqueles tempos: “Povo que lavas no rio/ Que talhas com

o teu machado/ As tábuas do meu caixão.”

<https://www.youtube.com/watch?v=3s7vHMMVbmmU>

3- “Uma Casa Portuguesa”. Uma das canções mais conhecidas da música portuguesa durante o Estado Novo, representativa de uma época e de uma forma de olhar o povo. A música foi interpretada por várias cantoras e eternizada por Amália nos anos 50. Amíúde cantarola-se: “Duas paredes caiadas/ Um cheirinho a alecrim/ Um cacho de uvas doiradas/ Duas rosas no jardim/ Um são José de azulejo/ Mais o sol da Primavera/ Uma promessa de beijos/ Dois braços à minha espera/ É uma casa portuguesa com certeza/ É com certeza uma casa portuguesa.”

<https://www.youtube.com/watch?v=NzJdN4-NkaQ>

4- “Dia de Folga”. Nesta canção a fadista da nova geração, Ana Moura (2015), descreve o que passa um/a português/a no seu dia, o que faz com que seja preciso um dia de folga para recarregar as baterias após os dias cansativos, tal como se ouve na canção: “Cada dia é um bico d'obra/ Uma carga de trabalhos, faz-nos falta renovar/ Baterias, há razões de sobra/ Para celebrarmos hoje com um fado que se empolga/ É

dia de folga!”

https://www.youtube.com/watch?v=KjN0BoDO_Sw

5- “Ó gente da minha terra”. Fado original de Mariza (2001), a nova diva do fado, com poema de Amália, que nos transmite o sentimento e a relação do fado (destino, melancolia, tristeza) com o povo e as terras portuguesas. Tal sentimento é explícito no poderoso refrão na voz da cantora: “Ó gente da minha terra/ Agora é que percebi/ Esta tristeza que trago/ Foi de vós que recebi.”

<https://www.youtube.com/watch?v=6wFEqCaS25w>

6- “Há uma música do povo”. Com base num poema de Fernando Pessoa de 1928, esta canção cantada por Mariza (2005) descreve a ligação do povo à música e o sentimentalismo típico do fado em harmonia com esta forma de ser português.

<https://www.youtube.com/watch?v=O7X6bP7aiTI>

7- “Cheira bem cheira a lisboa”. Canção tradicional de 1960, posteriormente adaptada por Amália, que descreve a alegria e múltiplos sentimentos de viver em Lisboa naquela época, através de um elemento:

o cheiro. A canção é um clássico das festas populares de verão, durante as quais se ouve amiúde, e agitando a anca: “Cheira bem, cheira a Lisboa/ A fragata que se ergue na proa/ A varina que teima em passar/ Cheiram bem porque são de Lisboa/ Lisboa tem cheiro de flores e de mar.”

<https://www.youtube.com/watch?v=He5aaXracUk>

A quarta e última sessão tinha como tema AMOR, dando a conhecer como os portugueses vivem e cantam este sentimento. Começámos por oferecer aos participantes pastéis de nata e ginjinha para criar um ambiente mais acolhedor, enquanto debatíamos com o grupo este tema que pela sua universalidade gerou diálogo sobre curiosidades. Após a introdução iniciámos a parte musical na qual se apresentaram canções antigas e recentes, dando a comparar as músicas de amor portuguesas e checas, cantadas pelos participantes, e as diferentes visões que se podem encontrar sobre o amor em cada cultura.

No final fez-se uma festa de despedida pela nossa partida de volta a Portugal. Para falar de amor partilhámos as canções:

1- “Amor”. Canção pop portuguesa da banda Heróis do Mar (1982),

e grande sucesso comercial da geração dos anos 80, que conta sobre o amor entre dois amantes que foi o suficiente, como se ouve no famoso refrão: “Ó amor / Não me mataste o desejo/ Ó amor/ Com o teu primeiro beijo”

https://www.youtube.com/watch?v=T_mYwrYW1_k

2- “Cinderela”. Canção de Carlos Paião (1984) sobre duas crianças apaixonadas, num ambiente de amor ingénuo, supostamente autobiográfico. A canção tornou-se hino de uma geração de crianças dos anos 80 que agora, pais de filhos, a cantam às suas, mantendo vivo o refrão: “Então/ Bate, bate coração/ Louco, louco de ilusão/A idade assim não tem valor/ Crescer/ Vai dar tempo p'ra aprender/ Vai dar jeito p'ra viver/ O teu primeiro amor, Cinderela”

<https://www.youtube.com/watch?v=VIqq1XJNkBw>

3- “Bairro do amor”. Balada de Jorge Palma (1989) que alude a um espaço dos que nunca foram amados e que ali vão na esperança de encontrar o seu amor. Como diz a canção, entoada como só Jorge Palma faz sentir: “No bairro do amor a vida é um carrossel/ Onde há sempre lugar para mais alguém/ O bairro do amor foi feito a lápis de

cor/ P'ra gente que sofreu por não ter ninguém (...)/ Epá, deixa-me abrir contigo/ Desabafar contigo/ Falar-te da minha solidão/ Ah, é bom sorrir um pouco/ Descontrair um pouco/ Eu sei que tu compreendes bem”

https://www.youtube.com/watch?v=UPji07_RguQ

4- “O amor é assim”. Cantada em dueto pelos HMB e a fadista Carminho (2016), a canção procura explicar o que é o amor, na dialética de como é difícil amar e como o amor nos leva a ceder. “O amor é assim/ Pelo menos pra mim/ Deixa-me do avesso/ Tropeço, levanto e volto pra ti”

<https://www.youtube.com/watch?v=4B7IknRfRz4>

5- “Loucos”. Canção do género angolano kizomba interpretada por Matias Damásio e Héber Marques (2015) que retrata o quanto o amor nos faz sentir apaixonados e felizes, ao ponto de outras pessoas pensarem que somos loucos, tal como canta o refrão numa voz fresca de juventude: “E a nossa voz fica rouca/ De tanto gritar te amo/ E o nosso amor é lindo/ E nos faz feliz/ Mas o mundo nos chama loucos”

<https://www.youtube.com/watch?v=Q86lCtj1BYs>

6- “Fala-me de Amor”. Balada romântica da banda Santos & Pecadores (1999) na qual o cantor pede à sua amada que lhe confesse o amor por ele, e que no virar do século, e ainda hoje, põe casais a dançar e a olhar-se profundamente, ao som das palavras: “Ama-me, leva-me p'ra lá do meu horizonte Fala-me de amor Fala-me de amor Segue-me, prende-me p'ra lá do meu horizonte Fala-me de amor Fala-me de amor

<https://www.youtube.com/watch?v=G84KfXFO6JA>

7- “A nossa vez”. Êxito dos Calema, duo de irmãos originário de São Tomé e Príncipe (2017), em que o cantor se declara à sua amada, expressando o seu amor com o intuito de demonstrar que a quer para sempre, nas palavras bem jovens: “Eu quero estar ao teu lado pra sempre/ Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir”

<https://www.youtube.com/watch?v=3-uPAP30NuU>

Reflexões finais

Um estágio de final de curso na área da animação sociocultural dá-nos possibilidade de aprender, fazendo, em conformidade com as

competências tão essenciais à nossa formação como o saber-fazer, saber-ser, saber-estar e saber-saber, em contextos marginais ao habitual espaço de conforto. No caso da animação sociocultural é importante que no estágio se desenvolvam competências atendendo às necessidades profissionais e pessoais de cada estudante, a par com a possibilidade de experimentar conhecimentos, práticas, possibilidades e limitações, assim como exercitar a expansão das capacidades reflexivas (Sousa, 2012: 58), provenientes da teorização e questionamento de conceitos e de termos comuns.

Suportada numa componente de convívio e orientada para uma educação para o aprender a viver juntos, a atividade aqui descrita integra-se, na nossa perspetiva, numa dimensão multicultural da animação sociocultural (Lopes, 2006: 307), seguindo ao encontro do que deve ser tomado com um dos desafios da animação sociocultural, enquanto metodologia promotora de educação não formal (Barbosa, 2003: 109): a educação para a interculturalidade.

Esta interculturalidade constrói-se com o diálogo e partilha de saberes e de experiências e por isso no final de cada sessão foram animados debates entre nós e participantes, a fim de compreendermos as aprendizagens adquiridas, mas com a esperança de também as recebermos

nós, de quem participou e da reflexão sobre as nossas práticas. É neste cruzamento de papéis, de interações formativas construtoras de aprendizagens mútuas, mas também de elementos, da música com a animação, que acreditamos estar o potencial da animação socioeducativa (Salgado, 2011: 168), enriquecendo contextos de intervenção sociais e educativos ao longo da vida, e, acrescentamos nós, em qualquer lugar. Neste caso, fomos até à República Checa para aprender na fase final da nossa formação superior inicial e lá deixámos também um pouco de quem fomos; regressando como um outro nós que somos, lembrando palavras de Mia Couto que “Afinal, somos caçadores que a si mesmo se azagaiam. No arremesso certo vai sempre um pouco de quem dispara.” (Couto, 2000).



Figura 1: André e Carlos durante uma das sessões.



Figura 2: Em debate com participantes

Referências Bibliográficas

Barbosa, M. (2003) O Horizonte da Interculturalidade: nova fronteira da animação sociocultural em Portugal. *Revista Psicologia e Educação*, Vol. II, N 1, Set. 2003. Pp. 105-112

Couto, M. (2000) Cada Homem é uma Raça. Lisboa, Caminho.

Lopes, M. S. (2006) Animação Sociocultural em Portugal. Chaves, Intervenção.

Salgado, L. (2011) A Animação Socioeducativa como Âmbito da Animação Sociocultural. In Pereira, J. D. L.; Lopes, M. S. *As Fronteiras da Animação Sociocultural*. Chaves, Intervenção. Pp: 167-175

Sousa, J. G. (2012) A Formação do Animador no Contexto de Estágio. In Canastra, F; Santos, G. P.; Lopes, M. S. P. *Animação Cultural – descobrindo caminhos*. Leiria, ESECS – IP Leiria. Pp. 49-66.

Outras fontes:

<https://pt.wikipedia.org/>

<http://mundodemusicas.com/fados-portugueses/>

Nota curricular

Mário Montez é animador sociocultural desde 2004, com trabalho em ATL de escolas e em projetos sociais em bairros da região de Lisboa, no âmbito de programas nacionais de inclusão social. É professor adjunto na Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra (ESEC). Tem bacharelato em Animação Cultural pelo ISCE, licenciatura em Animação Socioeducativa pela ESEC, mestrado em Estudos de Desenvolvimento pelo ISCTE-IUL e o título de especialista em Trabalho Social e Orientação. É membro da Animar, APDASC, IACD e da Rede Inducar. Frequenta o programa de doutoramento em Desenvolvimento Local e Cooperação Internacional na UP Valencia (Espanha). Interessa-se por processos e metodologias participativas, desenvolvimento local e comunitário, e Educação.

André Loureiro é animador socioeducativo, licenciado em Animação Socioeducativa pela Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra na vertente de desenvolvimento local e educação de adultos. Realizou o estágio curricular no âmbito do programa Erasmus+ na República Checa, trabalhando com públicos diferenciados, desde jovens a idosos incluindo pessoas em risco de exclusão social. É Animador Socioeducativo na Câmara Municipal de Moimenta da Beira e encontra-se a participar em projetos de cariz social juntamente com a CPCJ e a CM de Moimenta da Beira, e também a desenvolver atividades de animação nas IPSS do concelho.

Carlos Oliva é animador socioeducativo, licenciado em Animação Socioeducativa pela Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra na vertente de desenvolvimento local e educação de adultos. Frequenta o mestrado em Educação de Adultos e Desenvolvimento Local na mesma instituição. Realizou o estágio curricular no âmbito do programa Erasmus+ na República Checa, trabalhando com públicos diferenciados, desde jovens a idosos incluindo pessoas em risco de exclusão social.
